

A portrait of John Calvin, a French theologian, philosopher, and reformer. He is depicted from the chest up, wearing a black cap and a dark, high-collared garment. He has a full, dark beard and mustache. The background is a plain, light-colored wall.

ELBEN M. LENZ CÉSAR

*Sou eu,*  
**Calvino**

.....  
CONVERSAS COM O REFORMADOR  
.....

— U M A B I O G R A F I A —

Sou eu,  
Calvino



ELBEN M. LENZ CÉSAR

*Sou eu,  
Calvino*

SOU EU, CALVINO

Categoria: Biografia / Igreja / Teologia

---

Copyright © 2014, Elben M. Lenz César

*Primeira edição:* Setembro de 2014

*Coordenação editorial:* Bernadete Ribeiro

*Revisão:* Natália Superbi

Délnia M. C. Bastos

*Diagramação:* Bruno Menezes

*Capa:* Rick Szuets

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

César, Elben M. Lenz

Sou eu, Calvino / Elben M. Lenz César. — Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2014.

ISBN 978-85-7779-113-2

1. Calvinismo 2. Calvino, João, 1509-1564 3. Protestantismo 4. Reforma I. Título.

14-08460

CDD-284.2

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Calvinismo : Teologia : Cristianismo 284.2

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-000 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

Fax: 31 3891-1557

[www.ultimato.com.br](http://www.ultimato.com.br)



A marca FSC é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

*A Judá e Ana, os dois primeiros bisnetos meus e de Djanira,  
com o desejo de que, pela influência do Espírito Santo e na  
hora certa, abracem os “três somentes” da Reforma: o sola  
Scriptura, o sola gratia e o sola fide.*

\* \* \*

*O verdadeiro discípulo de Calvino só tem um caminho  
a seguir: não obedecer ao próprio Calvino, mas àquele que era  
mestre de Calvino.*

*Karl Barth (1886–1968)*



# SUMÁRIO

Prólogo	9
Prefácio	13
Apresentação	15
<b>1. A súbita conversão de um licenciado em leis</b>	<b>19</b>
<b>2. Genebra: luz após trevas</b>	<b>25</b>
<b>3. O livro transformado em catecismo</b>	<b>33</b>
<b>4. O voo que não se realizou</b>	<b>39</b>
<b>5. A igreja de Genebra</b>	<b>45</b>
<b>6. Luxo, extravagância e consumismo</b>	<b>51</b>
<b>7. O doutor que não tinha mais fé do que um porco</b>	<b>59</b>
<b>8. Livro por livro, capítulo por capítulo, verso por verso</b>	<b>65</b>
<b>9. Dependendo do espelho o ser humano se vê feio demais</b>	<b>73</b>
<b>10. O absolutamente santo e o absolutamente pecador</b>	<b>85</b>
<b>11. A Europa pega fogo mais pela palavra escrita do que pela palavra falada</b>	<b>91</b>
<b>12. A eleição requer evangelização</b>	<b>97</b>
<b>13. O francês Jacques Lefèvre redescobre o <i>sola gratia</i> antes de Lutero</b>	<b>105</b>

14. A igreja de Genebra na França Antártica	111
15. O humanismo e a peste negra	121
16. O nobilíssimo e cristianíssimo protetor da Inglaterra e Irlanda	127
17. O Diabo vira tudo de cabeça para baixo	133
18. O cristão não deve correr <i>da</i> fogueira nem correr <i>para</i> a fogueira	141
Última página	147

## **ANEXOS**

De pai para filho	151
O que se diz de Calvino	157
O que se diz de <i>As Institutas</i>	161
Genebra no mapa	163
Cidades da França e da Suíça onde Calvino viveu	165
Cronologia de Calvino e eventos paralelos	166
Bibliografia	169
Índice onomástico	173

## PRÓLOGO

---

# SOU EU, CALVINO!

QUANDO EU ERA BEM PEQUENO, meu pai me destinou aos estudos de teologia. Mais tarde, porém, ao ponderar que a profissão jurídica comumente promovia aqueles que saíam em busca de riquezas, essa visão o induziu a subitamente mudar seu propósito. E assim aconteceu de eu ser afastado dos estudos de filosofia e encaminhado aos estudos de jurisprudência. A essa atividade me diligenciei a aplicar-me com toda fidelidade, em obediência ao meu pai. Mas Deus, pela secreta orientação de sua providência, por um ato súbito de conversão, subjugou e trouxe minha mente a uma disposição suscetível. Tendo assim recebido alguma experiência e conhecimento da verdadeira piedade, imediatamente me senti inflamado de um desejo tão intenso de progredir nesse novo caminho que, embora não tivesse abandonado totalmente os outros estudos, me ocupei deles com menos ardor.

Fiquei totalmente aturdido ao descobrir que, antes de haver-se esvaído um ano, todos quantos nutriam algum desejo por uma doutrina mais pura vinham constantemente a mim com o intuito de aprender, embora eu mesmo não passasse ainda de mero neófito e principiante.

Possuidor de uma disposição um tanto rude e tímida, passei, então, a buscar algum canto isolado onde pudesse furtar-me da opinião pública. Em suma, enquanto meu único e grande objetivo era viver em reclusão, sem ser conhecido, Deus me guiava através de crises e mudanças, de modo a jamais me permitir descansar em lugar algum, até que, a despeito de minha natural disposição, me transformasse em atenção pública. Deixando meu país natal, a França, de fato me refugiei na Alemanha, com o expreso propósito de poder ali desfrutar em algum canto obscuro o repouso que eu havia sempre desejado, o qual me fora sempre negado.

Mas qual! Enquanto me escondia em Basileia, conhecido apenas de umas poucas pessoas, muitos fiéis e santos eram queimados na França. E a notícia dessas mortes em fogueira, tendo alcançado as nações distantes, incitavam a mais forte desaprovação entre uma boa parte dos alemães, cuja indignação acendeu-se contra os autores de tal tirania. A fim de conter tal indignação, fizeram-se circular certos panfletos ímpios e mentirosos, declarando que ninguém era tratado com tal crueldade, exceto os anabatistas e pessoas sediciosas, que, por seus perversos desvarios e falsas opiniões, estavam transtornando não só a religião, mas ainda toda a ordem civil.

Frente a tudo isso, pareceu-me que, a menos que eu lhes fizesse oposição, usando o máximo de minha habilidade, meu silêncio não poderia ser justificado ante a acusação de covardia e traição.

Essa foi a consideração que me induziu a publicar minhas *Institutas da Religião Cristã* (1536). Meu objetivo era, antes de tudo, provar que tais notícias eram falsas e caluniosas, e assim

defender meus irmãos, cuja morte era preciosa aos olhos do Senhor. Como essas mesmas crueldades poderiam muito em breve ser praticadas contra muitas pessoas infelizes e indefesas, eu alimentava a esperança de sensibilizar nações estrangeiras para que elas tivessem um mínimo de compaixão e solicitude pelas próximas vítimas. Ao serem publicadas, *As Institutas* não eram essa obra ampla e bem trabalhada de agora; na verdade, não passavam de um pequeno tratado contendo o sumário das primeiras verdades da religião cristã.

Tenho labutado fielmente para abrir o tesouro das Sagradas Escrituras a todo o povo de Deus. Embora o que tenho feito não corresponda aos meus desejos, a tentativa que empreendi merece ser recebida com certa medida de simpatia. Quando alguém ler os meus escritos, verá claramente que não busquei ser agradável, a menos que eles, ao mesmo tempo, sejam proveitosos a outrem.

JOÃO CALVINO

GENEBRA, 22 DE JULHO DE 1557

(PALAVRAS DE JOÃO CALVINO, RETIRADAS DE SUA DEDICATÓRIA DO COMENTÁRIO DO LIVRO DOS SALMOS.)



## PREFÁCIO

É MUITO DIFÍCIL escrever sobre João Calvino. Pelo menos por três motivos: o grande volume de obras que ele produziu, a complexidade e amplitude de seu pensamento e o grande contingente de escritores que têm discorrido sobre ele. Tenho tido uma vasta experiência proveniente da longa vivência com este misterioso personagem. Quanto mais vivo com ele, mais me sinto perplexo ante o fato de que ele viveu tão pouco e exerceu, numa época de poucos recursos tecnológicos, um imenso ministério literário, social, administrativo, pedagógico e, particularmente, teológico.

Tudo o que tenho escrito, lido e traduzido sobre Calvino me faz sentir como um nadador em alto-mar: quanto mais nada, mais distante se sente da praia; parece que nunca chega. Digo isto porque, ao ler os originais de *Sou Eu, Calvino*, de Elben M. Lenz César, as informações recebidas foram tantas, e com tanta

exatidão, que era como se eu nunca houvesse lido nada sobre o que João Calvino escreveu. Se eu estivesse me programando escrever um livro sobre ele, certamente desistiria da façanha depois de acompanhar o autor deste livro em sua tão minuciosa e bela apresentação do grande reformador genebrino na forma de diálogo.

Nestes últimos anos, parece que as mentes cristãs do universo literário voltaram-se para João Calvino. Poucos livros foram escritos sobre ele até a última década do século passado. Já li quase tudo o que foi escrito sobre ele no vernáculo, mas sinceramente dou boas-vindas ao livro que ora prefacio, dando graças ao Senhor da Igreja pela vida e ministério de Elben César. Que o leitor tire a limpo pessoalmente, lendo com reflexão e oração, estas páginas que certamente irão fasciná-lo. Eis um livro digno de ser lido e relido por todos!

VALTER GRACIANO MARTINS  
GOIÂNIA, 10 DE JUNHO DE 2014

## APRESENTAÇÃO

---

# UMA IGREJA REFORMADA TEM DE SER CONSTANTEMENTE REFORMADA

O FRANCÊS JOÃO CALVINO merece mais uma biografia. Ele tem sido apreciado por muitos desde o seu tempo – meados do século 16 – até hoje. É um reconhecimento atrás do outro. Alguns chegam perto do exagero.

Theodoro de Beza (1519-1605), seu substituto no púlpito da Catedral Saint Pierre, em Genebra, escreve: “No dia da morte de Calvino, no mesmo instante o sol se pôs e o maior luzeiro que houve neste mundo para a direção da igreja foi recebido no céu. E podemos afirmar com acerto que em um só homem aprouve a Deus, em nosso tempo, ensinar-nos a maneira do bom viver e do bom morrer”.

No século seguinte, Montesquieu (1689-1755), escritor francês que lançou as bases das ciências sociais e econômicas, afirma que “os genebrinos deveriam tornar bendito o dia em que Calvino nasceu”.

No século 19, o também francês Ernest Renan (1823–1892), cientista da religião, declara que Calvino saiu vitorioso “simplesmente por ser o maior cristão de seu século”. E o famoso pregador inglês Charles H. Spurgeon (1834–1892) chega a dizer que Calvino “era, de longe, o maior dos reformadores no que diz respeito aos talentos que possuía, à influência que exercia e ao serviço que prestou para o estabelecimento e difusão da importante verdade!”.

No século 20, Karl Barth (1886–1968), ilustre teólogo suíço que morreu quatrocentos anos depois de Calvino, confidencia: “Eu poderia, feliz e proveitosamente, assentar-me e passar o restante de minha vida somente com Calvino”.

E agora, no início do século 21, Alister McGrath, professor da Universidade de Oxford, diz que Calvino “provou ser uma figura de extrema influência na história da Europa, mudando a perspectiva de indivíduos e instituições, no início da era moderna, à medida que a civilização ocidental começou a assumir sua forma característica”.

O que tem tornado Calvino uma pessoa respeitada nestes 450 anos entre a sua morte (1564) e os dias de hoje são *As Institutas*, seu maior legado, o livro mais lido durante o século 16, segundo Daniel-Rops. Além das três traduções de *As Institutas* em português publicadas por editoras evangélicas – Luz para o Caminho e Editora Cultura Cristã –, temos uma quarta, lançada em 2007 pela Editora Unesp. Segundo o professor Ricardo Quadros Gouvêa, “em importância, influência e qualidade, *As Institutas* não possuem rival na história da teologia. Elas poderiam ser comparadas, talvez, à *Cidade de Deus*, de Agostinho, ou à *Summa*, de Tomás de Aquino, possivelmente à *Dogmática Eclesiástica*, de Karl Barth. Entretanto, a todas essas obras a obra-prima de Calvino supera. *As Institutas* são um livro que fornece não apenas o melhor compêndio de teologia cristã jamais escrito, mas também a base de uma cosmovisão

cristã cuja abrangência e consistência são sem igual na história da fé cristã”.

Apesar de toda a importância dada à vida e à obra de Calvino, se Guilherme Farel, Pierre Viret e Theodoro de Beza, seus companheiros e admiradores mais próximos, se ajoelhassem diante dele, o reformador reagiria bruscamente como o anjo do Apocalipse fez com o apóstolo João: “Não faça isso! Pois eu sou servo de Deus, assim como são você e seus irmãos que continuam fiéis à verdade revelada por Jesus” (Ap 19.10). Ou como Paulo e Barnabé fizeram com a multidão de Listra: “Amigos, por que vocês estão fazendo isso? Nós somos apenas seres humanos como vocês” (At 14.15). Mesmo correspondendo-se com reis e rainhas e outras autoridades, Calvino nunca perdeu a noção de que, diante de Deus, ele e os outros eram iguais, todos formados do barro (Jó 33.6). João Calvino era de carne e osso, e não anjo alado, simples homem e não super-homem. Quando morreu, seu corpo foi envolto num lençol, posto num ataúde de madeira e sepultado sem pompa nem aparato numa cova não identificada.

Nestas páginas, coloco na boca de Calvino palavras que ele mesmo escreveu em seus muitos livros e palavras que fazem jus ao seu pensamento. Optei por não fazer uso das aspas para separar umas das outras por causa do estilo de perguntas e respostas.

Meu maior trabalho foi formular as perguntas e não as respostas. As fontes destas são muitas, como *As Institutas*, *A Providência Secreta de Deus*, *O Catecismo de Genebra*, *Carta ao Cardeal Sadoletto* e, principalmente, *Cartas de João Calvino* e os comentários de Calvino de quase todos os livros da Bíblia, desde o da Carta de Paulo aos Romanos até o do livro do profeta Ezequiel.

Assumo uma dívida com alguns dos muitos biógrafos de Calvino. Em alguns casos, o que eles escreveram, coloco na boca de Calvino quase *ipsis litteris*, sem usar aspas nem citar os nomes dos autores. Entre eles menciono três: Alister McGrath (*A Vida*

de João Calvino), Ronald Wallace (*Calvino, Genebra e Reforma*) e Hermisten Maia Pereira da Costa (*João Calvino – 500 anos*).

Convidei Valter Graciano Martins para escrever o prefácio deste livro porque ele é a pessoa que mais tem divulgado Calvino no Brasil, não só por meio de palestras em vários lugares, mas, principalmente, por ser o tradutor perseverante e apaixonado de quase todos os comentários bíblicos e outros livros de João Calvino, publicados nos últimos vinte anos pelas Edições Parakletos, por ele fundada, e pela Editora Fiel (a maior parte das traduções).

Porque João Calvino escreve seu primeiro livro – *De Clementia* – aos 23 anos, tem uma experiência de “conversão súbita” antes dos 26, publica a primeira edição de *As Institutas* aos 27 e inicia seu ministério em Genebra antes de completar 28 anos – tive uma enorme vontade de dedicar este livro sobre o notável reformador francês aos jovens da Aliança Bíblica Universitária, da Mocidade Para Cristo, da Cruzada Estudantil para Cristo e da Jornada Mundial da Juventude. Contudo, para não limitar o alcance da obra, abri mão desse intento. Além do mais, protestantes e católicos sabem que a igreja está precisando de fato de uma reforma. Aliás, uma das heranças da Reforma do Século 16 é a famosa declaração de Lutero “*Ecclesia reformatata semper reformanda*” (a igreja reformada tem de ser constantemente reformada). Tive a ousadia de colocar na pena de Calvino o que eu entendo por reforma no capítulo onze: “A reforma mexe com as estruturas, com os dogmas, com a liturgia, com as tradições, com a moralização, com a pregação, com os princípios e com a história e a vocação da igreja. É algo operado por Deus mesmo de modo soberano e eficaz”.

ELBEN M. LENZ CÉSAR

VIÇOSA (MG), 27 DE MAIO DE 2014

(DIA DO 450º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE CALVINO)

## A SÚBITA CONVERSÃO DE UM LICENCIADO EM LEIS

*Foi com muita má vontade e muita dificuldade  
que eu me identifiquei com a Reforma*

/// O senhor escreve cartas para pessoas nobres de seu país e de outros países, conversa e prega para elas com naturalidade, sem o menor constrangimento. De onde vem essa habilidade, já que sua família é modesta?

Embora minha mãe tenha vindo de uma família abastada, meu pai de fato era de origem modesta. Porém, meu pai, por ser secretário do bispo de Noyon e procurador fiscal do município, tinha muito boas relações com as famílias nobres. Graças a isso e à providência de Deus, tive o privilégio de receber a mesma educação que os nobres davam aos seus filhos, por bondade deles. Tanto em Noyon como em Paris fui colega dessas crianças privilegiadas. Foi nesse período que adquiri minha primeira educação e modos refinados para posteriormente transitar em todos os meios sociais com polidez, o que tem colaborado muito com o meu ministério. Essa solidariedade me ajudou

também a lidar com a morte prematura de minha mãe, quando eu tinha seis anos apenas, um irmão mais velho e três irmãos menores. Fiz questão de dedicar a Claude de Hangest, um dos meus amigos de infância, o meu primeiro livro, um comentário sobre Sêneca, escrito quando eu tinha 23 anos. Na dedicatória mostrei minha gratidão à família: “Devo a você tudo o que sou e tudo o que tenho, pois desde bem cedo, ainda menino, fui educado em sua casa e iniciado em meus estudos junto com você. Estou endividado com sua mui nobre família por meu primeiro aprendizado na vida e nas letras”.

/// O senhor nasceu em Noyon?

Nasci em Noyon, no dia 10 de julho de 1509. É a cidade da famosa catedral Notre-Dame (não a Notre-Dame de Paris nem a de Reims nem a de Amiens), construída há mais de três séculos. Sou francês e não suíço, como alguns pensam.

/// Suponho que em Paris o senhor tenha estudado na Sorbonne, a famosa e tricentenária escola de teologia.

Não. Depois de passar alguns meses no Collège de La Marche estudando humanidades e latim com o grande humanista Mathurin Cordier, matriculei-me no Collège de Montaigu (Morro Agudo), uma escola menos requintada, mas pela qual passaram Erasmo de Roterdã e François Rabelais, meu controvertido patrício, autor da sátira *Gargântua e Pantagruel*. Passei muito aperto nessa escola. A comida e as instalações eram péssimas. Erasmo tinha razão: era um colégio infestado de piolhos. Ficava no labirinto de ruelas estreitas e sujas (o mau cheiro era enorme), onde havia faculdades, mosteiros, igrejas, capelas, hotéis, livrarias e até bordéis. O número de alunos era muito grande – talvez mais de 4 mil (na época Paris devia ter 300 mil habitantes). A disciplina era muito rígida e estudávamos

muito – na verdade antes, durante e depois das refeições. Por um ano, fui colega de um espanhol chamado Inácio de Loyola, dezoito anos mais velho. Ele tinha uma história muito bonita: antes de vir a Montaigu em 1528, passou quase um ano inteiro orando e jejuando numa caverna perto de Manresa, onde passou por experiências místicas. O que o levou a achar-se a Deus foi a leitura de um livro sobre a história de Jesus quando estava se recuperando de graves ferimentos recebidos numa guerra com os franceses em Pamplona em 1521. Foi nesse colégio que concluí minha licenciatura em artes.

/// Em Montaigu, o senhor poderia continuar os estudos e optar por teologia, direito, medicina e humanidades. Qual delas escolheu?

Seria um bom lugar para cursar teologia. Nos 25 primeiros anos de nosso século, 25,4% dos estudantes de teologia que não pertenciam às ordens religiosas receberam seu treinamento em humanidades nessa universidade. Mas, por influência de meu pai, que morreu pouco depois, fui estudar jurisprudência em Orléans, ao sul de Paris, uma região de castelos ao longo do rio Loire. Essa cidade é muito conhecida por causa de Joana d’Arc, uma mocinha de 17 anos que, em nome de Deus, à semelhança de Davi ao enfrentar o gigante Golias, derrotou os ingleses que a cercavam. Justamente naquele ano (1529), comemorávamos os 100 anos da vitória de Joana d’Arc, em 1429. Orléans é uma cidade bem menos agitada que Paris e na época tinha apenas uma faculdade, a de direito civil (não canônico). Tive o privilégio de estudar com Pierre de L’Estoile, conhecido como “o príncipe dos advogados franceses”. Para beber não as águas estagnadas, mas as águas frescas dos clássicos e das Escrituras, aproveitei a oportunidade para estudar grego por conta própria, sob a supervisão de um amigo chamado Melchior Wolmar. No início de 1531 graduei-me, sem muito entusiasmo, em direito, mesmo sem completar o curso. A minha verdadeira vocação

## SOU EU, CALVINO É UMA BIOGRAFIA ÚNICA.

Na verdade, é um diálogo, uma espécie de *talk-show*, na medida em que coloca na boca do reformador palavras que ele mesmo escreveu e palavras que refletem o seu pensamento. Em estilo criativo e fácil de ler, a obra torna viva e relevante a grande contribuição do autor de *As Institutas*, bem como responde a mais de uma centena de perguntas que muitos cristãos gostariam de fazer sobre a Bíblia, a teologia, a igreja, enfim, sobre a vida cristã.

.....

“Não há melhor maneira de recordar os quinhentos anos da Reforma do que apreciar o pensamento de João Calvino, o seu mais influente teólogo, apresentado pelo pastor Elben César, um cristão reformado.

– *Manfred Grellert*, diretor de formação cristã  
da Visão Mundial Internacional

“Ao ler *Sou Eu, Calvino*, as informações recebidas foram tantas e com tamanha exatidão, que foi como se eu nunca tivesse lido nada sobre o que João Calvino escreveu. Se eu estivesse pensando em escrever um livro sobre ele, certamente desistiria da façanha depois de acompanhar o autor deste livro em sua bela apresentação do grande reformador genebrino na forma de diálogo.

– *Valter Graciano Martins*, tradutor de quase todos os comentários bíblicos e livros de João Calvino no Brasil”

ultimato 

ISBN 978-85-7779-113-2



9 788577 791132



MISTO

Papel produzido a partir  
de fontes responsáveis  
FSC® C102938